

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
MÁRCIO VIEIRA DE JESUS

SACERDÓCIO: VIDA, MINISTÉRIO E ESPIRITUALIDADE

ANÁPOLIS, 2024

MÁRCIO VIEIRA DE JESUS

SACERDÓCIO: VIDA, MINISTÉRIO E ESPIRITUALIDADE

Monografia apresentada, como exigência parcial para a conclusão do curso de Teologia, à comissão julgadora da Faculdade Católica de Anápolis, GO.

Orientador: Me. Pe. Carlito Bernades de Oliveira Júnior

ANAPOLIS 2024

Dedico esta pesquisa a todas as pessoas que buscam melhor compreender o ministério sacerdotal e sua espiritualidade no itinerário vocacional a serviço da vida. Para que essas encontrem nele um sentido que as una a Cristo em favor da salvação de toda criação.

AGRADECIMENTOS

Rendo graças ao Deus Pai, por meio do Filho, na ação do Espírito:

Aos meus pais e parentes que me deram com sua vida a possibilidade de servir ao Senhor;

Ao Dr. Pe. Carlito pelo acolhimento pastoral espiritual e por ter aceitado me acompanhar em parte nesta pesquisa me orientou com muito bom grado;

À Dom Queiroz pela amizade apoio e pelas orações;

À Dom João Wilk ordinário local e saudoso Dom Dilmo, bispo auxiliar e "Pastor da Diocese de Anápolis" meus sinceros agradecimentos;

A todos padres que me acompanharam nesse meu processo formativo na Diocese de Cristalândia, onde aprendi a reconhecer as pegadas do Criador em minha simples história de vida.

Chamado.... Fui um andarilho dos descaminhos da vida. Seguindo os ventos e os impulsos da desilusão. Fazendo um caminho inverso. Contrariei o meu coração.

Vivendo a vida e o desejo do outro — como uma extensão de mim.

Continuo no caminho da história inversa. Em resposta à voz que vem do coração. Ouvir o chamado — a viver a diferença. Abandonei um amor, para abraçar amores.

Reencontrar a vida em seres desconhecidos.

Seguindo o "caminho " — sempre um reencontro comigo mesmo. E desencontros com os amores escolhidos. Ouvindo a voz do vento, tomei a decisão.

Indefeso e fraco me tornei forte e decidido! Abandonado à próprio sorte, mas guiado por um Ser maior! Sonhando um sonho bom. De encontrar o Ser que tende a eternizar o meu jeito de amar. Na arte de amar, sofrer é uma forma de crescer.

Sozinho, estou sempre por Ele acompanhado.

Como um anjo-sedutor a me guiar. Em forma de vento e ninguém vê. Sou obra inacabada em sua direção.

Como barro nas mãos do oleiro, sinto-me modelado! Na esperança de um dia fitá-lo face-a-face!

ABREVIATURAS

AG	-	Ad gentes
CIC	-	Catecismo da Igreja Católica
CDC	-	Código de Direito Canônico
DH	-	Denzinger — Hünermann
DV	-	Dei Verbum.
LG	-	Lumen Gentium.
PO	-	Presb erorum Ordinis.
PDV	-	Pastores Dabo Vobis

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. CAPÍTULO PRIMEIRO: AS RAÍZES DO SACERDÓCIO NO ANTIGO TESTAMENTO.....	9
1.1 A FUNÇÃO SACERDOTAL.....	9
1.2 A AÇÃO DO ESPÍRITO DO SENHOR.....	10
1.3 O OFÍCIO SACERDOTAL E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	11
2. CAPÍTULO SEGUNDO: SACERDÓCIO DO NOVO TESTAMENTO	14
2.1 JESUS CRISTO, SUMO E ETERNO SACERDOTE	14
2.2 O CHAMADO PARA O SEGUIMENTO EM VISTA DA MISSÃO.....	17
2.3 A CONFIGURAÇÃO COM CRISTO DO SACERDÓCIO MINISTERIAL.....	20
3. CAPÍTULO TERCEIRO: ESPIRITUALIDADE SACERDOTAL	26
3.1 O PRIMADO DA ORAÇÃO.....	26
3.2 A PREGAÇÃO DA PALAVRA.....	29
3.3 O MINISTRO DOS SACRAMENTOS.....	32
3.4 A CARIDADE PASTORAL.....	35
CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

INTRODUÇÃO

Ao longo de um itinerário vocacional que se dá entre alegrias e tristezas, encontros e desencontros, ganhos e perdas, luzes e trevas, vai-se vislumbrando e solidificando o encanto e o entusiasmo pelo sacerdócio ministerial. Na medida em que esta for à vontade de Deus, que chama e escolhe, e da Igreja, que confirma essa vontade divina. Por sinal, ambos, Deus e a Igreja, são as razões primeiras e últimas de ser do sacerdócio¹.

Nessa perspectiva surge este trabalho que tem como eixo principal, o sacerdócio e a espiritualidade. Neste viés, procuraremos refletir sobre a ação do Espírito do Criador na mediação sacerdotal, uma das peças fundamentais na qualidade de vida espiritual de cada pessoa humana.

A origem de tudo está na configuração da vida do vocacionado com Cristo. A força redentora do Filho de Deus dá ao sacerdote a graça santificante para que este chegue até o fim de sua missão, com todo vigor espiritual. Neste sentido, as virtudes naturais supõem a cooperação da liberdade humana, terreno indispensável para ação do Espírito Santo.

Toda pessoa é constituída de capacidade para evoluir na vida de Deus; chamada a uma espiritualidade libertadora, de superação dos limites e obstáculos que acompanham a sua história. O critério fundamental é a Pessoa de Jesus Cristo, o modelo de santidade, Ele revela isto nas suas práxis, nos relacionamentos, na acolhida e na solidariedade com os mais sofridos.

Seguindo este caminho, o sacerdote deve se renovar, constantemente, em suas motivações de fé e de confiança no Divino Mestre, conformando a sua vida e exercício do ministério sacerdotal a Jesus Cristo, o Bom Pastor.

O seguimento de Jesus Cristo, além de ser uma consequência responsorial, já marcada no coração de cada pessoa, passa pela formação de uma consciência reta,

¹ Inicialmente, é importante destacar que o título deste trabalho cita a palavra "sacerdócio" e não presbítero, usado mais frequentemente pelos documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II, particularmente a *Presbyterorum Ordinis* e a *Optatam Totius*. O motivo da opção feita neste trabalho de empregar com maior frequência a palavra sacerdócio justifica-se pela razão de que o Papa João Paulo II utiliza essa palavra em suas Cartas, desde 1979, quando iniciava o seu pontificado. Em poucas Cartas usa a palavra presbítero, normalmente nas mais recentes. Contudo, mesmo assim, continua mantendo o emprego da palavra sacerdote. Portanto, neste trabalho, serão empregadas, indistintamente, os termos sacerdócio (sacerdote) e presbítero (presbítero), como aliás, aparecem nos documentos pontifícios. Portanto, tal expressão mesmo com sua complexidade perpassa toda literatura bíblica desde a tradição veterotestamentária até a neotestamentária.

auxiliada naturalmente pelas virtudes e pelos dons próprios de cada ser humano. Neste sentido, é preciso contar com a graça de Deus, renunciando ao pecado que causa os vícios e impede o crescimento espiritual na vida cristã.

Existem elementos que ajudam na caminhada espiritual, isto é, meios de santificação e de identificação com Cristo. Um deles, talvez o maior, é a piedade, não no sentido de um espiritualismo sem critério, às vezes até com desequilíbrios, mas de serviço concreto junto às pessoas mais necessitadas. Podemos apontar também, entre outros caminhos: a oração, o exame de consciência, o acompanhamento espiritual, as leituras e retiros espirituais.

A busca da santidade como via de espiritualidade sacerdotal, não diferentemente da busca dos cristãos leigos, em última instância, é o seguimento de Jesus Cristo. Em primeiro lugar o Cristo deve ser conhecido. É imprescindível conhecê-Lo para amá-Lo. Ele próprio disse: "Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas, pois meu jugo é suave e meu fardo é leve" (Mt 11, 29s). Os apóstolos e os discípulos passaram por esta experiência e aprenderam tudo que constituía a riqueza de sua vida.

Assim sendo, o amor é o referencial. Não amor como sentimento, mas como experiência de vida. E isto faz parte da missão de Jesus, como assevera o evangelista João: "Aquele que não ama, não conheceu a Deus, porque Deus é amor" (1 Jo 4,8). Quem não ama não é capaz de ver Deus em suas criaturas. O amor supõe cumprimento da Palavra de Deus e a vivência de seus mandamentos (cf. Jo 14,15).

A verdadeira espiritualidade requer, pois, a entrega total da vida sendo que o critério é a pessoa de Cristo. Nele todo sacerdote deve buscar a renovação de suas motivações, de seu ministério, dando um sentido maior em sua missão no mundo, sendo luz e sinal do amor de Deus na vida de toda humanidade.

A partir desta reflexão, pretendemos apresentar, à luz do Sacerdócio de Jesus Cristo, o sacerdócio católico: em sua vida, ministério e espiritualidade. Diante da constatação existencial de que a espiritualidade é algo intrínseco à condição humana, procuraremos, através do evento Cristo, propor a conscientização de que Deus utiliza da mediação sacerdotal para se fazer presente e visível na vida de toda humanidade.

No entanto, dentro do *corpus teologicus*, para realizarmos este trabalho de pesquisa, necessitamos fazer algumas escolhas. Tais escolhas estão expressas nos três capítulos deste texto e representam a nossa opção pela articulação de dados

antropológicos e cristológicos, vistos na linha da teologia espiritual, desenvolvidos com indicativos a partir de uma vertente existencial, bíblica, espiritual, eclesial e sacramental.

O primeiro capítulo descreve como era o exercício da função sacerdotal nas raízes do Antigo Testamento. Para isso colocamos em destaque algumas das características fundamentais deste ofício na história do povo de Israel. A ação sacerdotal destacava-se por sua íntima relação com YHWH. Na vida cotidiana a missão do sacerdócio realizava-se como intermediária entre o Criador e a criatura. Estes, através da ação cultural, promoviam o diálogo entre o povo e Deus, em vista da comunhão.

Posteriormente, no segundo capítulo será desenvolvido o tema do sacerdócio no Novo Testamento, mostrando como o Sacerdócio de Jesus incide de maneira decisiva na sua superioridade quando comparado ao sacerdócio levítico. A razão dessa superioridade se dá na sua plena mediação realizada na perfeita obediência ao projeto do Pai. Jesus é o perfeito mediador entre as realidades divina e humana, separadas pelo pecado. O Cristo, por iniciativa pessoal, escolhe e envia seus discípulos para prolongar sua missão salvífica no mundo. Nessa dinâmica, o exercício sacerdotal fundamenta-se em Cristo que faz com que os seus discípulos transmiti o ensinamento e a práxis sacerdotal da sua missão encargo dada à Igreja na sucessão dos apóstolos.

No terceiro capítulo, iremos refletir sobre a espiritualidade sacerdotal vista como uma proposta de refundação da espiritualidade à luz do mistério sacerdotal de Cristo. A missão de Jesus é o ponto de referência para a ordem sacerdotal, para que n'Ele se reconheçam o Deus-conosco e, a partir da vivência d'Ele, sintam-se chamados a configurarem-se no seu serviço de amor ao Reino de Deus.

O sacerdote, por meio de sua oração na Igreja e no serviço pastoral, deve ser sinal do amor de Deus no mundo. Ao fazer de sua espiritualidade um modo de ser no mundo, entrando na dinâmica do Espírito Criador, que o anima no compromisso e que o leva a transformar as situações de morte em vida, como fez Jesus.

Nesta perspectiva, desenvolvo este trabalho, ciente da necessidade de dar estes passos de uma vida configurada a Jesus Cristo, Bom Pastor, e doada no exercício do ministério sacerdotal em prol da libertação dos sofridos, dos excluídos, de todos os que esperam resgatar sua dignidade, que nasce da espiritualidade cristã do seguimento de Jesus, vivida concretamente no decurso da história.

1. CAPÍTULO PRIMEIRO: AS RAÍZES DO SACERDÓCIO NO ANTIGO TESTAMENTO

No limiar da história humana a vivência religiosa foi sempre caracterizada pelo culto prestado a Deus. Este culto atinge sua culminância nas várias formas de sacrifício. Normalmente o sacrifício era considerado como a função primordial, e até exclusiva, dos sacerdotes. No entanto, no Antigo Testamento, oferecer sacrifícios nem sempre foi prerrogativa apenas dos sacerdotes. Antes da instituição do sacerdócio em Israel, os patriarcas já construíam seus altares e neles ofereciam seus sacrifícios (cf. Ex 20, 22-26; Gn 12, 8. 22,119)².

Na época dos Juízes, Deus ordenou a Gideão que construísse um altar e oferecesse um holocausto, Jz 6. 25-26; Manoá, o pai de Sansão, foi convidado pelo Anjo de YHWH a oferecer um holocausto, que é agradável, Jz 13.16-23. No relato antigo sobre a infância de Samuel, seu pai Elcana sacrifica pessoalmente em Siló, 1 Sm 1.3, 4, 21; 21.19, o sacerdote Eli só aparece como guardião do santuário, 1 Sm 1.9, "o direito do sacerdote", violado por seus filhos, concerne somente à atribuição aos sacerdotes de uma parte das vítimas, 1 Sm 2.12-17, e é uma adição ao relato primitivo que reserva aos sacerdotes a função de subir ao altar e queimar a oferenda, 1 Sm 2.27-36³.

1.1 A FUNÇÃO SACERDOTAL

A função do sacerdote envolvia a manipulação do sangue, porque ele é parte mais nobre da vítima (Lv 17,11-14). O sangue deve ser posto em contato imediato com o altar e é sempre o sacerdote que o apresenta e deposita sobre este altar. Sobre a ara deve ser posta a parte do sacrifício que pertence a Deus⁴. Neste sentido, "a função própria do sacerdote só começa quando a vítima entra em contato com o altar, isto acontece por meio do sangue: este é espalhado pelo sacerdote ao redor do altar. O sangue contém de fato a vida, ele é a própria vida segundo a concepção hebraica:

² Cf. Paulo Borges da Fonseca. Sacerdócio, culto, Palavra e Serviço. In Revista Perspectiva Teológica: Rio de Janeiro, ano 11- n 2 p. 11. 1970.

³ Roland de Vaux. Instituições de Israel no Antigo Testamento, p. 394.

⁴ Roland de Vaux. Instituições de Israel no Antigo Testamento, p. 394.

"a vida de toda carne é o sangue" (Lv 17.14; cf. Gn 9. 4; Dt 12.23; Lv 7,26-27) e o sangue pertence somente a Deus⁵.

Nessa lógica, os elementos que envolviam o culto também eram revestidos de uma significação sagrada. Da mesma forma que o local sagrado estava do espaço profano, também os dias santos eram separados do tempo dedicado às ocupações profanas. Igualmente, os rituais litúrgicos estavam separados das atividades ordinárias. Sendo que entre os diversos rituais, o que ocupava um lugar de primeira ordem era o sacrifício⁶. Somente graças ao sacrifício é que os sacerdotes podem se aproximar de Deus. Sacrificar uma vítima é, como o indica o próprio nome, torná-la sagrada.

Desde as religiões mais primitivas, existe um elo fundamental entre a força transcendental de Deus, a vida cotidiana e a missão sacerdotal. E, mesmo em tempos remotos, os sacerdotes eram vistos como intermediários entre o criador e a criatura humana, tidos como homens diferenciados, portadores de uma ligação mais íntima com Deus.

1.2 A AÇÃO DO ESPÍRITO DO SENHOR

No Antigo Testamento encontramos a função sacerdotal ligada à ação do Espírito do Senhor que santifica o seu povo. Nesta perspectiva, o "Pneuma de YI-IWH era a sua força criadora e salvífica que agia, tanto no ordenamento do universo natural quanto na marcha da história apoderando-se de modo especial de alguns homens singulares"⁷. Estes, por conseguinte, estão entre Deus e o povo de Israel, transmitindo aos homens a proximidade e o amor de YHWH, vivido na força e no realismo da história humana.

No judaísmo o termo ruah (espírito, respiração, vento, ou seja, tudo aquilo que dá vida e ânimo) designa uma dupla dimensão: força da vida individualizada e o poderio de YHWH, que atua especialmente sobre o povo como dom profético e sabedoria personificada. Ora, os sacerdotes da antiga aliança experimentavam uma singular ação do Espírito de YHWH, em vista do cuidado do povo de Deus.

⁵ Roland de Vaux. Instituições de Israel no Antigo Testamento, p. 454.

⁶ Cf. Albert Vanhoye. Sacerdotes Antigos e Sacerdote Novo. Trad. Ronaldo Brito. São Paulo: Academia crista, 2006, p.68.

⁷ Dicionário dos Conceitos Fundamentais do Cristianismo. Julio Lois. Trad. Cassiano F. Samanes e Juan J. Tamayo. São Paulo: Paulus, 1999, verbete espírito p. 241.

Os sacerdotes eram aqueles que faziam a intermediação entre a força do Espírito de YHWH e os homens, uma vez que oferecem os sacrifícios ao Senhor, recebem seus pedidos formulados nas preces e os retransmitem a YHWH. Como intermediários, são ao mesmo tempo unificadores e reconciliadores no âmbito cultural, promovendo eminentemente o diálogo da criatura com Criador, realizado por meio da ação ritual.

Neste caráter de dupla mediação, descendente e ascendente, os sacerdotes no Antigo Testamento recordavam a viva aliança entre YHWH e Israel.

E nessa dinâmica, o culto antigo constituía um sistema de santificação baseado em toda espécie de separações rituais. Para elevar-se até o Deus três vezes santo, edificar-se uma espécie de pirâmide que, partindo da multidão das nações e subindo por sucessivos escalões (um povo separado dos demais, uma tribo escolhida, uma família privilegiada), desembocava finalmente um homem consagrado, o sacerdote e, acima dele, em um animal oferecido em sacrifício. E por trás desse movimento ascendente de separações, esperava-se outro movimento descendente de bênçãos. Se o sacrifício era digno de Deus, tinha que ser aceito. O sacerdote que oferecia obtinha, então, o favor divino e o povo representado pelo sacerdote encontrava-se em boas relações com Deus⁸.

Além dessas funções, os sacerdotes do Antigo Testamento eram também responsáveis por assistir os diversos ritos de consagração e de purificação, tais como: a purificação dos leprosos (cf. Lv 14) ou da mulher que deu à luz (cf. Lv 12,6ss). A unção real (cf. I Rs, 39; 2 RS 11,12) era um rito de eminente caráter profético e sacerdotal.

1.3 O OFÍCIO SACERDOTAL E SUAS CARACTERÍSTICAS

A tradição veterotestamentária revela que o sacerdócio tinha um lugar de relevo em Israel, além disso, todo Israel é descrito como um povo sacerdotal (cf. Ex 19,6). Porém, a tribo de Levi foi escolhida por YHWH para um sacerdócio particular. Assim sendo, somente os levitas podiam entrar no lugar santo e sua função estava acima de tudo, ligada às coisas sagradas (cf. Nm3. 12; 8. Ex 28. 2Cr 35,59).

⁸ Cf. Danilo Mondoni. Teologia espiritualidade cristã. São Paulo: Loyola, 2000, p. 82.

Nesse contexto, o serviço sacerdotal estava concretamente ligado ao culto, sendo também guardião da tradição e porta-voz da divindade. Os sacerdotes são, por excelência, homens do santuário, guardiões da arca do Senhor e aqueles que abençoam, em nome de YHWH (cf. I Sm 1-4; 2Sm 15,24-29). Se por suas vidas, não forem agradáveis aos olhos de Deus, tornavam-se inúteis.

No Antigo Testamento diversas funções são atribuídas ao ofício sacerdotal: realização de sacrifícios rituais (cf. Lv 13,14ss); leitura da sorte (cf. Dt 33,8; 1 Sm 14,36-42; 23,9-12); atribuições jurídicas (cf. Nm 5,11-31); o ensinamento sobre questões divinas (cf. Dt 33, 9-13; 21,9-26) e bênçãos (cf. Nm 6,22-27; Ec 45,15). A necessidade da mediação sacerdotal passa pela necessidade antropológica de relação entre as pessoas no âmbito religioso. Todo ser humano cresce e se desenvolve a partir das mais variadas relações, sendo mais importante a relação com YHWH.

Israel, enquanto povo sacerdotal, tem uma missão em relação a toda humanidade: ser portador da bênção divina para todas as nações. Deste modo, "a ideia de uma mediação de Israel em favor das nações encontra-se seguramente na Escritura, e isto, já no Livro do Gênesis, onde se declara que a bênção será derramada sobre as nações, por meio da posteridade de Abraão (cf. Gn 22,18). Este mesmo tema será, ao longo da história, ampliado pelos profetas que predizem para Israel uma irradiação universal"⁹.

Na realização concreta do sacerdócio em Israel temos, portanto, características próprias: os sacerdotes são escolhidos dentre os membros de uma família própria, santificados e separados por uma consagração especial que os torna aptos para realizar o culto sagrado através do sacrifício ritual. As roupas especiais e o afastamento das atividades mundanas, no período em que exercem o seu ofício, são sinais visíveis de sua condição.

Como já afirmamos anteriormente, o sacrifício era uma das principais funções dos sacerdotes de Israel. Na lógica da santificação ritual, o sacrifício é necessário como etapa final da separação do mundo profano. Com efeito, o próprio sacerdote é incapaz de realizar por completo, em sua pessoa, esta separação. Apesar de todas as cerimônias de sua consagração, segue sendo um homem terreno e não passa ao mundo divino. Portanto, necessita outro ser capaz de realizar tal passo. O ritual lhe

⁹ Albert Vanhoye. Sacerdotes Antigos e Sacerdote Novo, p. 65.

prescreve que escolha um animal de uma espécie determinada, procurando que seja sem nenhum defeito. Esse animal será separado, por completo, do mundo profano, já que será imolado e oferecido sobre o altar do templo. Consumido pelo fogo sagrado do altar, subirá até o céu transformando-se em "perfume de aroma suave", ou melhor, com outra simbologia, seu sangue será derramado sobre o "propiciatório" como se tratasse de lançá-lo até Deus¹⁰. Compete também aos sacerdotes consultar YHWH, indagar sua vontade em benefício dos crentes que desejam conhecer os caminhos do Senhor e transmitir-lhes as mensagens do alto (cf. Jz 18,5s; 1 Sm 14,41; Nm 27,21). É também tarefa dos sacerdotes abençoar em nome de YI-IWH (cf. Dt 10,8; Nm 6,22-27). Todas essas atribuições assumiram diversas formas ao longo dos séculos.

Os sacerdotes possuíam ainda a responsabilidade de transmitir um oráculo como resposta do Senhor; dar instrução e explicar a Torá; levar ao altar o sangue e as carnes das vítimas e queimar o incenso apresentando ao Senhor, as orações e petições dos fiéis.

Dessa forma, na celebração litúrgica, os sacerdotes do Antigo Testamento representavam toda comunidade israelita e, por meio deles, o povo se punha em relação com Deus. As diversas funções, que eram atribuídas aos sacerdotes, demonstravam claramente que a comunhão com Deus é experimentada como fundamento de toda a existência de Israel¹¹. Ao colocar nas mãos dos sacerdotes suas ofertas e sacrifícios, o povo reconhece que lhe vem de Deus e tudo deve voltar a Deus. Ao pedir aos sacerdotes oráculos e instruções o povo reconhece que a luz de Deus lhe é necessária para seguir o caminho justo. Ao receber a bênção sacerdotal, abre-se a irradiação universal da relação positiva com Deus, e reconhece que fora dela, a realidade não pode encontrar sua plena consistência. E, tudo isso, socialmente, constituindo-se em comunidade.

¹⁰ Cf. Albert Vanhoye. Sacerdotes Antigos e Sacerdote Novo, p. 67.

¹¹ Cf. Albert Vanhoye. Sacerdotes Antigos e Sacerdote Novo, p. 75.

2. CAPÍTULO SEGUNDO: SACERDÓCIO DO NOVO TESTAMENTO

Seguindo o itinerário anteriormente em questão, percebe-se que o sacerdócio emerge de uma tradição milenar e carrega em suas raízes elementos de diversas culturas. Nesse sentido, a Carta aos Hebreus expõe o caráter progressivo e histórico da Escritura no desenvolvimento da mediação do serviço sacerdotal.

2.1 JESUS CRISTO, SUMO E ETERNO SACERDOTE

A novidade neotestamentária, sobretudo na Carta aos Hebreus, está em apresentar Jesus Cristo como o Sumo Sacerdote, único e insubstituível, no contexto gerado pela nova aliança. É por isso que este texto assevera com insistência que os cristãos têm um sacerdote eminente¹². E quer assim revelar a superioridade do sacerdócio de Cristo, quando comparado ao sacerdócio levítico. A razão dessa superioridade é a sua plena mediação realizada na perfeita obediência ao projeto do Pai. O título de sacerdote quando atribuído a Cristo deve sempre ser analisado na perspectiva da continuidade e da ruptura. Jesus assume em sua vida, mais precisamente em seu mistério pascal, todos os significados de redenção que eram possíveis ao sacerdócio antigo. Todavia, supera infinitamente todo o efeito salvífico, contido no ofício sacerdotal da antiga aliança. Dizemos isto no plano da remissão dos pecados e da plena reconciliação com Deus, em termos relacionais.

Quanto à designação de Cristo como Sumo Sacerdote (cf. Hb 3,1) devemos compreender, além do sentido teológico que enfatiza, por esse adjetivo a eminência de Cristo e de seu sacrifício e esclarecer a significação histórica desse termo. No decorrer da história de Israel destacou-se o problema do cargo do Sumo Sacerdote. Esta função, por sua vez, era onerada de implicações políticas e temporais desde a época persa. Na ausência de um sucessor davídico ou de outro qualquer pretendente sério, o chefe dos sacerdotes transformou-se automaticamente em chefe político.

O autor da Carta aos Hebreus o desliga do governo temporal de Israel, atribuindo-lhe o governo divino, cósmico e eterno. O título mais antigo do Sumo Sacerdote parece ser o de ungido, expressão adequada da função particular na

¹² Literalmente: um grande sacerdote (Hb 10.21)

liturgia. Porque, com efeito, o sumo sacerdócio não podia ser meramente restringido como um encargo de comando; o dignitário em questão não possuía poderes jurídicos ou executivos; no seio da classe não havia, propriamente falando, carreira; hierarquia, no sentido estritamente cultual, devido às diferentes atribuições e deveres. Aarão e os seus sucessores, segundo os documentos bíblicos, cujo valor histórico já foi debatido, foram "ungidos" para exercerem determinados serviços rituais e prerrogativas, das quais a principal era a de poder penetrar no santíssimo do templo no Dia da Expição do povo (Yôm Kippur), função essa assaz explorada na Carta aos Hebreus (Lv 16,32-34; Hb 6,20; 9,1-10; 10,19). As obrigações especiais inerentes ao cargo estão registradas em Lv 21,10-23.

O sacerdócio da antiga aliança preparou e prefigurou o sacerdócio eterno de Cristo. É chamado de eterno porque somente o sacerdócio de Cristo é capaz de se perpetuar pelos séculos. Só ele é possuidor de uma natureza singular e imutável. E só ele é capaz de salvar e santificar totalmente aqueles que, por seu meio, se aproximam de Deus, uma vez que ele vive para sempre para interceder por todos (cf. Hb 7, 24-25).

A originalidade da Carta aos Hebreus reside no fato de ter sido o único livro, em todo o Novo Testamento, que desvelou explicitamente o Sumo Sacerdócio de Cristo¹³. Esta originalidade nos revela que somente Cristo é, de fato, o mediador por excelência. A razão de tão impressionante superioridade reside na pessoa do próprio Jesus Cristo. Ele participa plenamente destas duas esferas: sendo verdadeiramente humano é também divino, daí ser chamado "Filho de Deus" e cocriador (cf. Hb 1,2). No seu sacerdócio, divindade e humanidade encontram-se unidas harmonicamente, em prol da salvação da humanidade e dos cosmos.

Portanto, em Jesus "nós temos um Sumo Sacerdote" (Hb 8,1). A Carta aos Hebreus assevera que o mesmo "foi aperfeiçoado por toda a eternidade" (Hb 7,28).

O verbo "aperfeiçoar" e o substantivo "perfeição" designam o rito de consagração dos sacerdotes levitas (Ex 29,9-35; Lv 8,33). Sacerdócio é mediação. Isso significa que o sacerdote deve pertencer tanto à esfera da criação quanto a do Criador. Para participar do âmbito do Criador, o varão levita era favorecido com um "aperfeiçoamento" ou uma "plenificação" através da unção com óleo no rito de

¹³ Cf. Frederico Dattler. Carta aos Hebreus. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 52.

consagração, ou seja, recebia o dom do Espírito do Senhor para participar, de alguma forma, da esfera do Sagrado. Era comum dizer que o levita havia sido "aperfeiçoado" sacerdote, significando que tinha recebido o dom para acercar-se da realidade celeste¹⁴.

A expressão Sumo Sacerdote do Novo Testamento envolve a realidade total de Jesus Cristo: Homem e Deus, Senhor e Servo, Morto e Ressuscitado; em relação com Deus (cf. Elb 1,5-14) e com os seres humanos (cf. Hb 2,5-16). De fato, o Sacerdócio de Cristo Jesus é um sacerdócio de mediação. Jesus se revela como o perfeito mediador entre as realidades divina e humana separadas pelo pecado: todo o sumo sacerdote, tirado do meio dos homens, é constituído em favor dos homens em suas relações com Deus. A sua função é oferecer dons e sacrifícios pelos pecados. É capaz de ter compreensão por aqueles que ignoram e erram, porque ele mesmo está cercado de fraqueza (Hb 5,1-2).

No entanto, Jesus como mediador é aquele que, de uma vez por todas, realiza o encontro do humano com o divino. Jesus, em sua liberdade, esvaziou-se do usufruto de suas prerrogativas divinas, assumindo plenamente a humanidade (cf. Fl 2,1-11). Pode assim ser identificado como o perfeito e verdadeiro pontífice da Nova Aliança. Ele efetivamente reconcilia a humanidade com Deus.

A Carta aos Hebreus também apresenta o sacerdócio de Cristo como um sacerdócio segundo a ordem de Melquisedec¹⁵. O sacerdócio de Melquisedec era muito superior ao sacerdócio da tribo de Levi. O sacerdócio levítico tem limites porque o seu exercício está condicionado à pertença a tribo levítica.

O sacerdócio de Cristo foi prenunciado na figura de Melquisedec, muito antes que existissem as tribos de Israel e o próprio sacerdócio levítico (cf. Gn 14,18 ss). Por isso a figura profética do Messias Rei ouve esta proclamação: "Tu és sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedec" (Sl 110,4). Melquisedec, rei-sacerdote, é figura profética de Cristo.

¹⁴ Manuscrito: In Afla L. Pinheiro. O Sacerdócio de Cristo e dos Cristãos conforme a Carta aos Hebreus. Artigo, escrito em 2010.

¹⁵ Melquisedec é rei de Salém, sacerdote do Deus altíssimo. Ele saiu ao encontro de Abraão quando este regressava do combate contra os reis e o abençoou. Foi a ele que Abraão entregou o dízimo de tudo que possuía. O nome significa, em primeiro lugar, 'Rei da Justiça', e, depois 'Rei de Salém', o nome quer dizer 'Rei da Paz' .Sem pai, em mãe, sem genealogia, nem princípio de dias nem fim da vida! É assim que se assemelha ao Filho de Deus, e permanece sacerdote eternamente (Hb 7, 1-3).

Para esclarecer este ponto, o autor da Carta aos Hebreus dá uma interpretação sutil dos textos do Antigo Testamento: o silêncio do Gênesis sobre a genealogia de Melquisedec, rei-sacerdote, é a indicação da eternidade do Filho de Deus (cf. Hb 7,3). Abraão ofereceu o dízimo para marcar, prefigurativamente, a inferioridade do sacerdócio de Levi em relação ao de Jesus (cf. Hb 7,4-10). O juramento de Deus no Salmo 110,4 proclama a perfeição imutável do sacerdócio de Cristo (cf. Hb 7, 20-25). Somente Jesus é o Santo e o único sacerdote (cf. Elb 7,26 SS)¹⁶.

No aprimento das Escrituras, podemos afirmar que o sacerdócio de Jesus Cristo teve, ao mesmo tempo, continuidade e semelhança com o antigo sacerdócio, na medida em que ele traz em si dois elementos essenciais daquele: a necessidade da relação entre os homens e Deus e sua função mediadora. Percebe-se ruptura e diferença pela própria novidade do sacerdócio de Cristo, manifesto na morte sacrificial da cruz, sendo ele altar e vítima. Por fim, superação e superioridade em relação ao antigo modelo sacerdotal, pois Jesus Cristo é o único sumo sacerdote misericordioso e fiel¹⁷.

2.2 O CHAMADO PARA O SEGUIMENTO EM VISTA DA MISSÃO

O Novo Testamento revela que Jesus Cristo, numa iniciativa pessoal, escolheu os doze apóstolos para dar início à Igreja, porque ele quis que ela não fosse um povo sem governo, ao contrário, a quis estruturada e definida como nos relatam os Evangelhos: "Constituiu doze para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar" (Mc 3,13-16). Jesus lhes deu ordem e poder de agir como se fosse Ele mesmo "Quem vos ouve, a mim ouve; quem vos despreza a mim despreza, e quem me despreza, despreza aquele que me enviou" (Lc 10,16).

Por meio de seu chamado Jesus associou-os estreitamente à sua pessoa e ao seu ministério. Enviou-os em missão com sua autoridade, como representantes seus, para que, como testemunhas de sua ressurreição, pregassem em seu nome o Evangelho e congregassem o Novo Israel. Sua eleição torna patente a vontade de Jesus de prolongar sua missão e sua obra no tempo da Igreja através de seus eleitos.

¹⁶ Cf. Dianne Bergant. Robert J. Karris, OFM. Comentário bíblica v. 111. São Paulo: Loyola, 1999, p. 312.

¹⁷ Leandro Blume. Ordenação ministerial no prefácio de ordenação. In Comunicação Revista Trimestral de Teologia: Porto Alegre v. 35 n 148, Junho, 2005, p. 259.

A tradição considerou os apóstolos como ponto de referência obrigatório, raiz e fonte de todo o ministério na Igreja, que por isso é "apostólico" por necessidade.

A Igreja é enviada por Jesus Cristo: como ele foi enviado pelo Pai, enviou os apóstolos a todo o mundo, dizendo-lhes: "Todo poder foi me dado no céu e sobre a terra. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!" (Mt 28, 18-20).

Além dos "doze", e dos "setenta" tão próximos a eles, aparece o primeiro grupo formado por "apóstolos, profetas e doutores" que parecem gozar de certa preeminência (1 Cor 12,28; Ef2,20; 3,5; 4,11); juntamente com os "evangelistas" (Ef 4,11; At 21 ,8; 2; Tm 4,5), que se ocupavam em pregar o Evangelho e em estabelecer novas comunidades de crentes e pagãos-gentios¹⁸. Assim sendo, no exercício do sacerdócio, os apóstolos de Cristo Jesus, os novos propagadores da fé cristã, transmitem os ensinamentos como uma experiência íntima, uma liturgia vivida na participação do Seu sacerdócio. Na verdade, Jesus chamou os doze para lhes confiar a responsabilidade da Igreja e os preparar para o serviço da Palavra, dando-lhes alguns poderes para melhor servir aqueles que mais necessitavam (cf. Mt 10, 1.18, 18).

Segundo o Concílio de Trento, os apóstolos foram constituídos sacerdotes na última Ceia. Estes, diante do encargo dado pelo próprio Jesus, se faziam responsáveis junto às comunidades cristãs, sob a orientação e autoridade de um colegiado de anciãos (presbyteroi, em grego) ou episkopoi.

A igreja apostólica deu-se os ministérios que os julgou necessários para o bom funcionamento das comunidades e os concebeu como uma "diakonia" à comunidade. Os "presbíteros", às vezes são identificados com os "episkopoi" (At 20, 28), aparecem em Jerusalém exercendo seu ministério colegialmente (At 15, 2.4.6. 22; 16,4), no estilo do "zekenin" ou anciãos das comunidades judaicas. Não se pode descartar a priori a possível influência de modelos institucionais judaicos na organização dos quadros diretivos das primeiras comunidades cristãs.

Os escritos neotestamentários conservam certo silêncio sobre a forma segundo a qual eram instituídos ou investidos em seus ofícios a maioria dos ministros

¹⁸ Dionísio Borobio et al. A celebração na Igreja II: sacramentos, p. 492.

mencionados¹⁹. No entanto, o ato de "estabelecê-los", "chamá-los", "designá-los" era atribuído a Deus ou ao Espírito Santo (At 1,15-26; 13,2; 20,28; 1 cor 12,28)²⁰.

Mas naquele contexto, dentro das comunidades já constituídas, havia diversas expressões que se relacionavam com a direção e o governo das comunidades:

a)"Hergoumenos" (chefes, diretor: Hb 13,17). b) "Proistamenos" (presidentes: Rm 12,8); c) "Presbyteros" (At 11,30; IPd 5,1); d) "Episkopos" (At 20,28; Fl 1,1); e) "Diakonos" (1 Tm 3,8-13) e, num sentido mais genérico, t)"poimen" (pastores: Ef4, 11; I Pd 5,2-4); g) "kybernetes" (piloto: ICor 12,28). Em outra esfera estão os "profetas" e os "disdaskaloi" (Ef 4,11; At 13,1). [...] Dessa forma, mesmo com certo velamento existe no livro de Atos dos Apóstolos algumas passagens que descrevem uma "liturgia de ordenação" pelo menos embrionária: em At 6,1-3 (os "sete" que derivam " diakonein" as mesas) a escolha destes sete se dava na eleição da comunidade, a imposição das mãos e a oração pelos apóstolos; 2) em At 13,3-4 se lê sobre a missão de Paulo e Barnabé. Neste contexto aparece a mesma forma, jejum e oração, imposição das mãos por "profetas e doutores"; 3) Nessa linha, em I Tm 4,14 e 2Tm 1,6zesta00s conselhos daqueles que receberam a imposição das mãos. É pela imposição das mãos que se confere o "carisma de Deus".

Com o passar dos tempos, a Igreja foi se organizando, dando início ao ministério apostólico, onde os bispos eram sucessores dos apóstolos à frente da Igreja. Para dirigir os trabalhos era escolhido um sacerdote que se tornava pastor estável da comunidade, com o título exclusivo de episkopos (bispo), enquanto os demais ficavam com o título de presbíteros e diáconos.

Neste contexto, não se pode definir uma data fixa, mas a partir do início do século II e III, começa-se uma consolidação da trilogia de ministérios estáveis: bispos, sacerdotes, diáconos²¹. Por conseguinte, os bispos são os sucessores verdadeiros dos apóstolos, cada bispo tem uma jurisdição apenas sobre a sua Igreja particular para pastoreá-la, enquanto o bispo de Roma, o Papa, sucessor direto de Pedro, tem a jurisdição máxima sobre toda Igreja universal no Colégio dos bispos²².

Nessa perspectiva, o sacerdócio do Novo Testamento instaurado com os apóstolos tem uma estrutura inteiramente cristológica e significa inserção específica

¹⁹ Segundo alguns autores não se pode determinar com segurança, mesmo tendo uma investigação profunda e atual, sobre as datas em que se introduziu este rito nas diferentes igrejas, nem decidir a questão de sua origem exclusivamente crista. Cf. Dionísio Borobio et al. A celebração na Igreja II: sacramentos. p. 492.

²⁰ Dionísio Borobio et al. A celebração na Igreja II: sacramentos, p. 493.

²¹ Com Jesus não se dá explicitamente o sacerdócio como na modalidade atual, mas Ele mesmo deixou-se atuar como um sacerdote concebido no povo da Nova Aliança, a serviço de todó povo sacerdotal. Cf. Vocabulário de Teologia Bíblica. Org. Xavier Leon-Dufuor. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 931.

²²Cf. Dionísio Borobio et al. A celebração na Igreja II: sacramentos, p. 494.

do homem na missão de Jesus Cristo. É uma ligação pessoal e única com o Senhor que constitui a essência e o fundamento para o ministério sacerdotal na vida da Igreja.

2.3 A CONFIGURAÇÃO COM CRISTO DO SACERDÓCIO MINISTERIAL

O sacerdócio é uma dádiva amorosa de Deus desvelada de forma plena na vida e no ministério de Jesus Cristo. A mesma é dada por Jesus aos seus apóstolos para a continuação de sua missão salvífica no mundo. Nesse sentido, o ministério sacerdotal da Igreja está concretamente vinculado ao modo de viver de Cristo, que é a pedra fundamental de todo corpo eclesial em vista do serviço da evangelização²³.

A configuração particular e específica do fiel batizado ao ministério sacerdotal de Cristo se dá por meio da ordenação, no gesto da imposição das mãos, por parte do bispo, e na oração consecratória por ele rezada, em nome e na intenção da Igreja, o sacerdote é constituído de modo particular na sua relação com Cristo e com a própria Igreja, uma vez que age na pessoa de Cristo Sacerdote²⁴, e é colocado, como representante seu, não somente na Igreja mas à frente dela para servi-la²⁵.

Assim, através dessa consagração, recebida mediante a ordenação, estabelece-se "um vínculo ontológico que une o sacerdote a Cristo, Sumo Sacerdote e Bom Pastor". A partir de então, a vida e a ação do neo-sacerdote nesse chamado específico no seguimento à pessoa de Jesus devem se pautar no testemunho da caridade e na solidariedade, difundindo o amor de Deus no mundo.

A sagrada ordenação sacerdotal confirma e aprofunda a consagração batismal, onde o ordenado é marcado com o sinete divino e este vínculo move o sacerdote a buscar e a atingir a perfeição, porque os sacerdotes foram tornados instrumento vivos de Cristo, Eterno e Sumo Sacerdote. Por divina instituição, graças ao sacramento da ordem, alguns entre os fiéis, pelo caráter indelével com que são assinalados, são constituídos ministros sagrados, isto é, são consagrados e delegados a fim de que, personificando a Cristo Cabeça, cada qual no seu respectivo grau, apascente o povo de Deus, desempenhando o múnus de ensinar, santificar e governar.

²³ Com Jesus não se dá explicitamente o sacerdócio como na modalidade atual, mas Ele mesmo deixou-se atuar como um sacerdote concebido no povo da Nova Aliança, a serviço de todo povo sacerdotal. Cf. Vocabulário de Teologia Bíblica. Org. Xavier Leon-Dufuor. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 931.

²⁴ Cf. Dionísio Borobio et al. A celebração na Igreja II: sacramentos, p. 494.

²⁵ Cf. Ramón Arnau. Ordeny Ministerios. Madri: BAC. 1995, p. 179.

O sacerdócio possui um selo indelével que é muito mais do que uma mera função. Os sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Ordem sagrada imprimem caráter. E o sacerdócio é para sempre. A ordenação presbiteral comporta uma ontológica mudança no sacerdote em relação a Cristo e a todos os membros da Igreja fundada sobre Cristo. Esse caráter sacramental é um selo espiritual indelével, real e ontológico. Não é simples consignação de um poder jurídico, como encargo de cumprir determinações.

Nessa lógica, inserindo-se na comunhão presbiteral, espinha dorsal da Igreja, o sacerdote é colocado numa relação íntima com o Deus-Trino. A partir daí, cada vez mais ele se identifica com a caridade amorosa do Pai, com o Filho em sua autodoação, em seu sacerdócio perpétuo na força do Espírito Santo. Essa comunhão é a fonte que gera a unidade de todo seu ministério no pastoreio.

A íntima união com a Santíssima Trindade, ou seja, a vida nova da graça, que nos torna filhos de Deus, constitui a novidade do crente: uma novidade que envolve o ser e o opera. Constitui o mistério da existência cristã. Que está sob o influxo do Espírito. [...] Só se os futuros sacerdotes, por meio de uma adequada formação espiritual, tiverem uma consciência profunda e uma experiência crescente deste mistério, poderão comunicar aos outros tão surpreendentes e beatificantes anúncios.

Pela graça do sacramento da ordem estabelece-se um vínculo especial entre os bispos e sacerdotes porque é do bispo que se recebe a ordenação sacerdotal, pois é dele que se propaga o sacerdócio por via da sucessão apostólica, e é ele que faz entrar novos ordenados na comunidade sacerdotal da qual ele é membro²⁶. Esse serviço ministerial é dedicado ao Senhor e a toda Igreja, que deve ser exercido na pastoral, nas comunidades, na comunhão com o clero e com todo povo de Deus. Numa Igreja particular e na comunhão com toda Igreja universal, por isso ele é convocado a se fortalecer na unidade com Deus e com a Igreja através da oração²⁷.

²⁶ João Paulo II. A comunhão sacerdotal. (Alocução da audiência geral de quarta-feira, 04 de agosto de 1993). In L'Osservatore Romano (edição em português), ano XXIV (1993).

²⁷ Os sacerdotes e os diáconos que aspiram ao presbiterato são obrigados a rezar todos os dias a Liturgia das Horas, de acordo com os livros litúrgicos próprios aprovados; os diáconos permanentes, porém, rezem a pane determinada pela Conferência dos Bispos. Também os outros fieis são vivamente convidados, de acordo com as circunstâncias, a participarem da Liturgia das Horas, já que é ação da Igreja. CDC cân. 276, §2, n 3; cân.

Em virtude do sacramento da ordem o sacerdote é configurado com Cristo Cabeça e Pastor da Igreja²⁸. Identificando-se com Jesus Cristo, ele exerce sua tríplice missão de evangelizar, celebrar a fé e viver a caridade, por meio de uma configuração pessoal, como assevera Paulo: "Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim" (cf. Gl 2,20). Diante deste vínculo com Cristo, assimilado em sua missão, na unidade ministerial da Igreja, o sacerdote se faz um colaborador autêntico do discipulado de Cristo.

Por isso compete aos presbíteros, enquanto educadores na fé, cuidar, por si ou por outrem, que todos os fiéis cheguem no Espírito Santo a cultivar a vocação pessoal segundo o Evangelho, uma caridade sincera e operosa e a liberdade, pela qual Cristo nos libertou. Poucos aproveitarão as cerimônias ainda que belas, as associações mesmo florescentes, se não se orientarem a educar os homens à maturidade Crista. Para promoverem tal maturidade, hão auxiliá-los os Presbíteros, capacitando-os a descobrir, nos acontecimentos de maior ou menor monta o que exigem os fatos, qual a vontade de Deus.

É o próprio Cristo que está presente na sua Igreja, sendo Ele: Cabeça desse Corpo, Pastor do Rebanho, Sumo Sacerdote do sacrifício redentor, Mestre da verdade. Neste sentido, a Igreja expressa dizendo que o sacerdote, em virtude do sacramento de sua consagração (ordenação), age em nome de Cristo e faz às vezes do próprio Cristo sacerdote, sinal vivo de sua presença na missão sacerdotal "in persona Christi Capitis" na pessoa de Cristo Cabeça. Por isso, todo o povo de Deus destinatário do serviço dos ministros ordenados, que agem "in Persona Christi Capitis (na pessoa de Cristo cabeça) em vista da salvação.

A título de exemplo, recordamos que os sacerdotes agem e perdoam os pecados em nome de Cristo e presidem o sacrifício eucarístico em sua memória. Entretanto:

Isto só é possível não a partir das forças humanas, mas só Cristo e do seu Espírito mediante ao "sacramento": "Recebei o Espírito Santo; a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados, e a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos" (Jo 20,22-23). Assim, não por qualquer mérito particular deles, mas apenas pela participação da graça de Cristo, os apóstolos prologam na história, até a consumação dos tempos, a missão de salvação de Jesus em favor da humanidade.

²⁸ Em virtude do sacramento da Ordem, sacerdotes e bispos são consagrados para pregar o Evangelho, apascentar o rebanho e celebrar o Mistério Pascal, tudo isso encontrando sua fonte e ápice na celebração da Eucaristia (cf. LG, 28).

A consciência desta realidade basilar coloca o sacerdote a serviço de Deus e da Igreja, iluminado pela íntima vivência da espiritualidade encarnada no Cristo, Sumo sacerdote do Pai. Configurado na pessoa de Cristo é inserido de maneira sacramental na Igreja. Dessa forma, o ministério e a existência sacerdotal estão, portanto, essencialmente relacionados com as três Pessoas Divinas, em ordem ao ofício sacerdotal da Igreja²⁹.

Nessa perspectiva trinitária, o sacerdote pela unção do Espírito Santo é assimilado ao Cristo Sacerdote, de forma a poder agir na pessoa de Cristo, construir e edificar todo o seu Corpo que é a Igreja. "O sacerdote, vitalmente inserido no Cristo Cabeça, através de suas funções profética, sacerdotal e pastoral, gera, pela palavra, pelos sacramentos e pela caridade, sua contribuição na comunidade cristã desenvolvendo nela a tríplice dimensão da missão de Cristo: profeta, sacerdote e pastor que garante sua unidade. Isto só é possível através de uma maturidade espiritual que encontra o seu fim na doação.

O sacerdócio comum do fieis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico ordenam-se um ao outro, embora se diferenciem na sua essência e não apenas em grau. Pois ambos participam, cada qual a seu modo, do único sacerdócio de Cristo. O sacerdote ministerial, pelo poder sagrado de que goza, forma e rege o povo sacerdotal, realiza o sacrifício eucarístico na pessoa de Cristo e o oferece a Deus em nome de todo povo. Os fiéis, no entanto, em virtude de seu sacerdócio régio, concorrem na oblação da Eucaristia e apo de graças, no testemunho de uma vida santa, na abnegação e na caridade ativa.

Compete ao sacerdote a tarefa de inserir-se no mundo e se comprometer com os pobres, exercendo uma ação evangelizadora e libertadora, para que nessa ação se concretize o amor ao próximo. Isso exige do sacerdote sair de si, para que possa ir ao encontro de todos os homens: "Como Cristo, que no seu modo de viver se ligou às condições sociais e culturais, dos homens com os quais conviveu, assim deve a Igreja inserir-se em todas as sociedades, para que a todas possa oferecer o mistério da salvação e a vida trazida por Deus.

²⁹ Cf. Congregação para o Clero. Diretório para o Ministério e a Vida do Presbítero. Petrópolis: Vozes, 1994, n. 3.

O sacerdote exerce seu ministério em vista da comunhão com Deus e com toda humanidade na obediência ao bispo³⁰, numa configuração espiritual e pessoal com Cristo na oração da Igreja e no serviço Pastoral. Ele congrega na fé a comunidade cristã, apascentando o povo de Deus, em conformidade ao Evangelho. Todavia, para isso deve se inspirar em Jesus que veio anunciar o Reino, "fazendo-se participante do envio de Cristo, agindo como profeta de Deus, sendo a voz de Deus no mundo"³¹.

³⁰ É próprio dos presbíteros, que são os cooperadores dos bispos, anunciar o Evangelho de Deus; são obrigados a isso, em relação ao povo a eles confiado, principalmente os párocos e outros a quem esteja confiada a cura de almas; compete também aos diáconos servir ao povo de Deus no ministério da palavra, em comunhão com o bispo e seu presbitério. CDC cân. 757.

³¹ Cf. Bruno Bibollet. Padres diocesanos: Elementos de espiritualidade. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 18.

3. CAPÍTULO TERCEIRO: ESPIRITUALIDADE SACERDOTAL

3.1 O PRIMADO DA ORAÇÃO

A oração na vida do sacerdote é algo imprescindível. Em Lucas, diversas vezes Jesus se encontra em oração. Na escolha dos doze, no monte, e tantas outras passagens. Ela é o elo direto com Deus, que permite conhecer sua vontade, fortifica nas decisões. Nesta oração, o sacerdote, assim como Cristo, encontra alimento para seu ministério. Assim sendo, o primado da oração na vida sacerdotal precisa estar radicado concretamente com a vida em Cristo, especialmente em estreita relação à sua missão e vocação. Esta é a tarefa essencial daqueles que querem ser discípulos de Jesus. De fato, estar com Cristo na oração caracteriza-se em participar de sua mesma oração no Getsêmani (cf. Mt 26, 36-44)³².

Essa oração deve ser toda orientada para o sacrifício sacerdotal de sua paixão e morte, mas também à Última Ceia, porque revela a verdade sobre a identidade, a vocação e a missão do Filho, que veio para cumprir a vontade do Pai (cf. Jo 19,30) e não a sua (cf. Lc 22,42), revelando, assim a verdade do amor salvífico do Pai pela humanidade³³.

Nessa linha, o sacerdócio cristão é interpelado a renovar um sacrifício espiritual agradável a Deus, por meio de uma vida orante. Pois assim, os sacerdotes sustentarão viva a motivação para o ministério. Para isso devem ser assíduos, evitando esquecê-la, como mais uma das diversas atividades cotidianas. Precisamente para poder alcançar frutuosamente o ministério pastoral, em harmonia com Cristo bom Pastor, ao qual pertence sempre o único protagonismo de toda ação pastoral³⁴.

A vida de oração do sacerdote também deve ser encarnada na mediação litúrgica, na oração pessoal, na meditação da Palavra. Ela deve ser traduzida no seu estilo de vida e na prática das virtudes cristãs, que contribuem na fecundidade da ação ministerial. Todavia, o cultivo da oração deverá ser colocado em destaque na mente e no coração, para que a verdade nela contida possa atuar-se sempre mais profundamente na vida espiritual.

³² Cf. Diretório para o Ministério e a Vida do Presbítero, 38.

³³ Geraldo Luiz Borges. O sacerdócio em João Paulo II, p. 103.

³⁴ Cf. Diretório para o Ministério e a Vida do Presbítero, 38.

Elemento essencial da formação espiritual é a leitura meditada e orante da Palavra de Deus (*lectio divina*), é a escuta humilde e cheia de amor daquele que fala. É, de fato, à luz e pela força da Palavra de Deus, que pode ser descoberta, compreendida, amada e seguida a própria vocação e levada a cabo a própria missão, a ponto de que a inteira existência encontra o seu significado unitário no ser, ponto de chegada da Palavra de Deus que chama o homem e o ponto de partida do homem que responde a Deus. A familiaridade cenos no sentido de se do mal para aderir ao bem, mas também no sentido de se alimentar no coração os pensamentos de Deus, de modo que a fé, qual resposta à Palavra, se torne o novo critério de juízo e avaliação dos homens e das coisas, dos acontecimentos e dos problemas.

As diversas formas de oração, seja pessoal, comunitária, litúrgica (pública e oficial), devem estar presentes na oração sacerdotal, enquanto realização específica da existência cristã e humana, chamada a expressar que Deus criou o ser humano e se manifestou como o Deus da aliança. Quer dizer que a oração do sacerdote inclui tudo o que deriva do ser cristão: ser homem e cristão como sacerdote³⁵.

Nessa lógica, o caráter espiritual do ofício sacerdotal se dá na dialética: ser-viver. Orar é uma decisão indispensável que a pessoa assume com relação à sua vida espiritual. Os salmos e as leituras, tanto das Escrituras quanto dos Santos Padres, são sempre uma fonte e importante alimento espiritual para os sacerdotes e cristãos em geral.

É imprescindível oração na vida sacerdotal, porque é uma necessidade profunda e orgânica, para ser sinal de Cristo na humanidade. Essa é uma questão de amor aos outros (cf. Jo 13,35), que torna o sacerdote capaz de estar à disposição das pessoas para dar testemunho do amor supremo, que é Cristo, como administrador dos mistérios de Deus para aqueles que o Pai deu ao sacerdote (cf. 17,6). Pois dela nasce o amor à Cristo (vocação) nela se fortalece.

A oração sacerdotal é uma forma de entrar em sintonia com Cristo. Através dela, o sacerdócio percebe o chamado para participar da realidade humana-divina, salvífica e redentora da história da salvação. Como podemos ver na *Sacrosanctum Concilium*.

Por antiga tradição Crista, o Ofício Divino está constituído de tal modo que o curso do dia e da noite seja consagrado pelo louvor a Deus. Quando, pois, os

³⁵ Geraldo Luiz Borges. O sacerdócio em João Paulo II, p. 103.

sacerdotes e as outras pessoas delegadas por vontade da Igreja para esse fim, ou os fiéis em união com o sacerdote executam religiosamente aquele admirável cântico de louvor, rezando em forma aprovada, então verdadeiramente é a voz da Esposa que fala com o Esposo ou, melhor é a oração de Cristo com seu Corpo dirigido ao Pai.

Os sacerdotes, ocupados no sagrado ministério pastoral, rezarão louvores das Horas com tanto maior fervor, quanto mais vivamente estiverem cômnicos de que devem observar a exortação de Paulo: "Orai sem cessar" (ITS 5,17). Porquanto só o Senhor que disse: "Sem Mim nada podeis fazer" (Jo 15,5) pode dar eficácia e incremento à obra na qual trabalham. Por esta razão os apóstolos, ao instruírem os diáconos, disseram: Nós, porém, atenderemos sem cessar oração e ministério da palavra (At 6,4).

De modo particular a Igreja propõe a Liturgia das Horas³⁶ e a adoração eucarística, pois elas ajudarão a conservar a consciência profunda de que, como servos de Cristo, os sacerdotes são de modo especial "administradores dos mistérios de Deus" (1 Cor 4,1). Estar com Cristo na sua oração significa participar de sua missão. Deste modo, os sacerdotes serão para as pessoas, sinais legíveis de Cristo e do seu Evangelho.

A espiritualidade madura dá ao sacerdote a capacidade de ser sensível às necessidades dos outros, tornando-o atento às necessidades de todos aqueles que Deus coloca no seu caminho. Dessa forma, por meio de uma vida orante, o sacerdote poderá superar as dificuldades inerentes ao serviço sacerdotal e sua vida se tornar verdadeira prece de amor (cf. Lc 22,44).

Enfim, "a oração é o meio eficaz para uma profunda experiência mística de Deus, e para uma espiritualidade evangelizadora e libertadora. [...] Neste sentido, a experiência do Deus de Jesus de Nazaré comporta dois elementos inseparáveis, a ação e a oração³⁷. Essas duas dimensões da espiritualidade levam o sacerdote, em seu modo de viver, a procurar a santidade na ação e na contemplação. Como consagrados a Deus, na recepção do sacramento da ordem, são dispensadores dos mistérios de Deus a serviço de seu povo". "Daí a necessidade de uma profunda

³⁶ Cân 276 § 2, 3º: Os sacerdotes e os diáconos que aspiram ao presbiterado são obrigados a rezar todos os dias a liturgia das horas, de acordo com os livros litúrgicos próprios e aprovados; os diáconos permanentes, porém, rezem a parte determinada pela Conferência dos Bispos.

³⁷ René Guerre. A espiritualidade do sacerdote diocesano. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 95.

sintonia com Cristo, bom Pastor, o qual permanece sempre o único protagonista principal de toda ação pastoral³⁸.

3.2 A PREGAÇÃO DA PALAVRA

O próprio Jesus Cristo conferiu aos Apóstolos e à Igreja uma missão de serviço: "Ide por todo mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura" (Mc 16,15). Tendo em vista a pregação da Palavra, o sacerdote deve buscar, através da espiritualidade, desenvolver a consciência de que lhe cabe uma missão. Missão está que se realiza em conformidade com a vontade Deus, conforme afirma Paulo na carta a Timóteo: "Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade" (1 Tm 2,4), entendendo-se por verdade o conhecimento da revelação divina e a esperança da vida eterna.

Como ministros da Palavra, a pregação do Evangelho é tarefa primeira dos sacerdotes. Assim eles semeiam no coração de todos os seres humanos a Palavra de Deus, que a graça do Espírito Santo torna eficaz, isto é, portadora de frutos de conversão e salvação. A alusão "aos confins da terra" (cf. At, 1,8) significa que os presbíteros devem preocupar-se para que essa palavra alcance também os distantes, com o impulso missionário.

Para realizar a exigência conferida pelo Mestre, pregação da Palavra a toda criatura, o sacerdote necessita conhecer a Verdade de Cristo, Palavra Viva e Verbo Eterno dC) Pai (cf. Jo 1, 1-4). Por meio de sua missão profética de anunciar e explicar com autoridade a Palavra salvífica de Deus, ele o faz em comunhão com a Igreja, mediante os ensinamentos da Tradição e do Magistério. Isso se faz necessário porque:

O ofício de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou transmitida, foi confiado unicamente ao Magistério vivo da Igreja, cuja autoridade se exerce em nome de Jesus Cristo. Tal Magistério evidentemente não está acima da palavra de Deus, mas a serviço, não ensinando senão o que foi transmitido, por mandato divino e com a assistência do Espírito Santo.

Na fidelidade ao projeto de Jesus Cristo, a Igreja é exortada a viver a profunda comunhão de amor com o Pai, plenificada pela ação do Espírito Santo. No exercício de seu apostolado o sacerdote deve lutar pela salvação dos homens, rompendo os

³⁸ Diretório para o Ministério e a Vida do Presbítero, 39.

obstáculos que se opõem à ação missionária e evangelizadora. Em tudo, deve se colocar como cooperador do único salvador, Jesus Cristo.

O Cristo Senhor, em quem se consuma toda revelação do Sumo Deus (cf. 2 Cor 1,20; 3,16-4,6), ordenou aos Apóstolos que o Evangelho, prometido antes pelos Profetas, completado por Ele e por Sua própria boca fosse por eles pregado a todos os homens como fonte de toda verdade salvífica e de toda disciplina de costumes, comunicando-lhes dons divinos. E isto foi fielmente executado tanto pelos Apóstolos, que na pregação oral, por exemplos e instituições, transmitiram aquelas coisas que receberam das palavras, da convivência e das obras de Cristo ou aprenderam das sugestões do Espírito Santo, como também por aqueles Apóstolos e varões apostólicos que sob inspiração do Espírito Santo, puseram por escrito a mensagem da salvação. Mas para que o Evangelho sempre se conservasse inalterado e vivo na Igreja, os Apóstolos deixaram como sucessores os bispos, a eles "transmitindo o seu próprio encargo de Magistério"³⁹.

Deste modo, "a fé vem da pregação e a pregação é pela Palavra de Cristo" (Rm 10,17). A pregação faz crescer a instrução na fé, colocando em primeiro plano os ensinamentos de Jesus. Pois, a fé não é meramente um sentimento vago, difuso, ou uma prática costumeira; ela tem um conteúdo concreto que podemos e devemos conhecer mais profundamente.

Neste sentido, o exercício do sacerdócio tem um caráter missionário, pois na transmissão da fé através da pregação da Palavra, o sacerdote se faz instrumento que contribui no congregar de toda a humanidade na fé e no amor de Cristo. Assim sendo, "o ministério de sua pregação não pode ser algo abstrato, mas deve ter conexão íntima com a vida concreta da comunidade cristã, incidindo diretamente no sentido real da vida das pessoas e buscando entrar nas questões mais vivas que se colocam à consciência humana"⁴⁰.

O anúncio da Palavra de Deus é a principal função no exercício de seu ministério, porque é a base da vida cristã, pessoal e comunitária, e a fé, dela suscitada, se nutre da mesma. "Esse anúncio não pode consistir em apenas comunicar o próprio

³⁹ Cf. Walter Kasper. *Servidores da Alegria*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 83.

⁴⁰ *Diretório para o Ministério e a Vida do Presbítero*, 45.

pensamento ou uma experiência pessoal, mas é a participação na mediação de Jesus Cristo, e deve ser exercido de acordo com seu mandato⁴¹.

Neste fértil ministério da Palavra, a Igreja se faz a autêntica guardiã da verdade de Deus geradora de vida e alimento espiritual da comunidade cristã. A eficácia deste ministério requer do sacerdote uma relação íntima com Deus, marcada por um amor profundo e no conhecimento vivo das Escrituras. Pois "o povo de Deus congrega-se, ante* de mais nada, pela Palavra do Deus vivo, que se há de procurar com pleno direito nos lábios dos sacerdotes".

Para tal fim, o sacerdote deve se sentir empenhado pessoalmente em cultivar a Sagrada Escritura com o estudo de uma exegese, sobretudo patrística, e com a meditação feita segundo os diversos métodos comprovados pela Tradição da Igreja, de maneira a obter dela uma compreensão animada pelo amor. Por esse motivo o sacerdote tem o dever de reservar particular atenção à preparação, quer remota quer próxima, da homilia litúrgica, ao seu conteúdo, ao equilíbrio entre a parte de exposição e de aplicação, à pedagogia e à técnica de apresentar, até boa dicção, que se respeite a dignidade do ato e dos destinatários⁴².

A grandeza do amor de Deus é o sentido de toda a pregação do ministério sacerdotal. Por meio dela, o sacerdote se faz consciente de que as palavras não são suas, mas daquele que o enviou. A consciência desta realidade fundamental deve levá-lo a compreender que a Palavra de Deus não é, primordialmente, uma palavra ou uma "doutrina", sobre Deus, mas palavra que o próprio Deus lhe dirige de modo totalmente pessoal.

A homilia deve realizar-se como as pregações de Jesus de maneira positiva, alegre e instigante, capaz de cativar as pessoas, conduzindo-as para a bondade, à beleza da verdade do amor de Deus por toda criação "fazendo brilhar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo" (cf. 2 Cor 4, 6).

Outro componente relevante da missão evangelizadora é a catequese, instrumento privilegiado do ensino e do amadurecimento da fé. Tarefa indispensável no âmbito do encargo apostólico da Igreja⁴³.

⁴¹ Cf. Joao Paulo II. Catequese da Audiência geral de 21 de abril de 1993. In L'Observatore Romano, 22 de abril de 1993.

⁴² Diretório para o Ministério e a Vida do Presbítero, 46.

⁴³ Walter Kasper. Servidores da Alegria, p. 85.

A vida catequética na pregação sacerdotal deve ser trabalhada de forma sistemática e progressiva no conteúdo da fé, cultivando na família os valores humanos e cristãos, buscando gerar critérios de vida compatíveis com a vocação cristã. De tal modo, "o ministério do ensino da Palavra precisa basear-se na Sagrada Escritura, na Tradição, na liturgia, no magistério e na vida da Igreja, para que seja apresentado de forma integral e fiel o mistério de Cristo.

Nesta perspectiva, a catequese deve ser continuada tendo em vista a humanidade toda, conduzindo-a a uma maior atenção à fé, pela pregação. Para isso, o sacerdote precisa se fazer disponível no serviço a Cristo e à Igreja, como protetor do 'rebanho'. Dedicando-se por inteiro e integralmente ao anúncio, como caminho para uma fidelidade à sua vocação de sacerdote que "está com Cristo e sendo embaixador de Cristo" (cf. 2 Cor 5, 20).

3.3 O MINISTRO DOS SACRAMENTOS

Os sacramentos na vida cristã são um dos meios eficazes de configuração com Cristo, Cabeça. Por meio deles, o sacerdote em seu ministério comunica, atualiza e desenvolve a unidade da Igreja, sinal visível da vida na graça. Os sacramentos, por ele ministrado, têm por fim dispor os fiéis a um maior compromisso com Cristo e com a Igreja.

Através da pregação da Palavra, exorta-os a uma adesão a Cristo, que deve frutificar na fé e na vida de comunhão⁴⁴. O foco e núcleo vital de todo o organismo sacramental da Igreja é a Eucaristia: "Memorial da morte e da ressurreição de Cristo, representação real e eficaz do único sacrifício redentor, fonte e cume da vida cristã e de toda evangelização".

Tomás de Aquino ensina que o fruto principal da Eucaristia é a unidade da Igreja⁴⁵. Ele assim afirma:

Todos os sacramentos estão subordinados à Eucaristia e giram em torno dela (STh, 65,3). Batismo e confirmação são a porta de entrada para Eucaristia. O sacramento da penitência, como segundo e laborioso batismo, acolhe novamente na comunidade eucarística quem pecou gravemente. A unção dos enfermos prepara seriamente doentes e moribundos para a participação na plenificação da eucaristia no banquete nupcial celeste. A ordenação

⁴⁴ Cf. Geraldo Luiz Borges. O sacerdócio em João Paulo 11. In Revista Coletânea - n 7 2005. p. 95.

⁴⁵ Donald Cozzens et al. A espiritualidade do padre diocesano. São Paulo: Loyola, 2008, p. 25.

sacerdotal confere plenos poderes para a celebração da Eucaristia; o sacramento do matrimônio retrata a unidade e o frutífero amor em Cristo e à Igreja (Ef 5,21-33) e torna o casamento e as famílias # uma espécie de Igreja doméstica (LG 11)⁴⁶.

A Eucaristia no ministério sacerdotal é algo imprescindível, pois dela nasce o sacerdócio, este por sua vez, é um dom dado à Igreja em vista da Eucaristia⁴⁷. Trata-se de uma dialética relacional, onde um está intimamente ligado ao outro. Além disso, dela promana "todos os ministérios e obras de apostolado, onde também estão estritamente unidos, ordenados e consagrados para perpetuar o Santo Sacrifício de Cristo. Assim, o sacerdote manifesta de maneira mais evidente a sua identidade eucarística"⁴⁸.

A missão do sacerdote, confiada por Cristo, de presidir a Eucaristia, revela-se como consequência de seu ministério sacerdotal. Ele, *in persona Christ* (convoca e alimenta a comunidade pela Palavra, e a serve como pastor, e ao mesmo tempo dela se alimenta e se fortalece para a missão.

É de fundamental importância formar os fiéis com relação ao que constitui a essência do Santo Sacrifício e fomentar a sua participação frutuosa na Eucaristia. É necessário também insistir, sem cansaço nem medo, no dever de cumprir o preceito dominical e na conveniência de uma participação frequente, se possível mesmo cotidiana, na celebração da Santa Missa e na comunhão eucarística. É preciso igualmente recordar o dever grave de receber o Corpo de Cristo com as condições espirituais e corporais devidas, e, portanto, fazendo preceder a confissão sacramental individual, se alguém tiver a consciência de não estar em estado de graça. O florescimento da vida crista, em cada Igreja particular e em cada comunidade paroquial, depende, em grande parte, do redescobrimto do grande dom da Eucaristia, em um espírito de fé e de adoração. Se no ensino doutrinal, na pregação e na vida, não se consegue manifestar a união entre vida cotidiana e Eucaristia, a frequência eucarística acaba por ser descuidada⁴⁹.

Neste sentido, "a celebração do mistério eucarístico marca o ponto de partida, e a força para o envio ao mundo,⁵⁰ luz para o caminhante que é convidado a encontrar sentido na proclamação da Palavra e na celebração dos demais sacramentos. Existe também uma íntima relação entre a Eucaristia e o sacerdócio que se concretiza na caridade pastoral, verdadeiro itinerário de santidade.

⁴⁶ Walter Kasper. Servidores da Alegria, p. 114.

⁴⁷ Cf. Geraldo Luiz Borges. O sacerdócio em João Paulo 11, p. 99.

⁴⁸ Diretório para o Ministério e a Vida do Presbítero, 48.

⁴⁹ Congregação para o Clero. O presbítero Mestre da Palavra ministros dos Sacramentos e guia da comunidade em vista do Terceiro Milênio. São Paulo: Paulinas, 1999, p.39.

⁵⁰ Walter Kasper. Servidores da Alegria, p. 114.

Os presbíteros alcançarão a santidade de maneira autêntica, se desempenharem suas tarefas de modo sincero e incansável no Espírito de Cristo. [...] Como ministros da liturgia, sobretudo no Sacrifício da Missa, os presbíteros representam de maneira especial a pessoa de Cristo, que Se entregou a Si próprio como vítima para santificar os homens. [...] Enquanto os Presbíteros se unem com a ação de Cristo Sacerdote, oferecem-se diariamente todo por inteiros a Deus; enquanto se nutrem do Corpo de Cristo, participam no íntimo de Sua caridade que se dá em alimento aos fiéis. Na administração dos sacramentos, unem-se da mesma forma com a intenção e a caridade de Cristo.

Como ministros sagrados de Deus, os sacerdotes são chamados a prolongar a presença de Cristo, único Pastor, na vida das comunidades. Ele, pela sua vocação, deve atualizar o Cristo no seu estilo de vida, marcado pela transparência e simplicidade no meio do rebanho a ele confiado, unindo-se com o povo de Deus na alegria de partilhar os dons da salvação (cf. Ef 4,4-6). Imbuído desse espírito de entrega, os sacerdotes, bem como toda a comunidade sacerdotal, se tornam um só corpo eclesial a serviço da Igreja de Cristo⁵¹.

E por isso que o sacerdote, em seu ministério, deve assumir em sua vida a plena disposição do Divino Mestre, sendo uma oferta em favor do próximo, na busca da unidade, colocando-se sobre o altar toda sua existência, sinal de amor e o serviço à missão de anunciar o Reino de Deus.

Na vivência dessa entrega caritativa ao serviço pastoral, ele encontrará na Eucaristia a sua mais alta realização, da mesma forma que dela recebe a graça, assim como, a responsabilidade de sua vida tornar-se uma eucaristia. Ele, como sacerdote de Cristo, recebe a oferenda do povo para apresentá-la a Deus. Por isso deve tomar consciência do que faz e colocar em prática o que celebra, conformando sua vida ao mistério da cruz do Senhor⁵².

Na eucaristia, todos os sacramentos tornam-se momentos privilegiados da comunicação da vida divina ao homem; neles se encontra o sentido de ser do ministério sacerdotal.

Consciente dessa realidade sacramental, o sacerdote se faz instrumento vivo de Cristo Sacerdote, e o seu encargo é natural de homem habilitado pelo caráter sacramental que favorece a ação de Deus. E por meio da potência instrumental participada em Cristo no presidir cotidianamente a Santa Eucaristia, mesmo sem a presença de fiéis ele deve celebrá-la de forma assídua na devoção e em espírito de piedade na mente e no coração.

⁵¹ Cf. Diretório para o Ministério e a Vida do Presbítero, 48.

⁵² Cf. Pontifical Romano. São Paulo: Paulus, 2000, p. 117. n. 135.

Ao ministrar os sacramentos, o sacerdote é chamado a viver a prática do amor a Cristo Sacerdote, na solidariedade, no serviço criativo, numa vida pastoral dinâmica e na vida comunitária da Igreja. Sendo assim, constantemente é chamado a ser testemunho vivo de Cristo que se traduz no seu ministério e na vida espiritual que alimenta a sua entrega diária, conformando a sua vida ao Cristo.

Visto que "o lugar verdadeiramente essencial é ocupado pela Eucaristia, pois nela se encerra todo o tesouro espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo em sua Páscoa e Pão Vivo que doa sua vida, os sacerdotes são convidados e levados a oferecerem-se juntamente com ele, em seu ministério". O ministro deve desaparecer para que o Cristo apareça. Ou seja, ele é um mediador da graça, deve, portanto, através de sua ação sacramental, tornar visível o Cristo.

Por meio de vosso ministério, o sacrifício espiritual dos fieis é tornado perfeito, porque está unido ao sacrifício de Cristo, que por vossas mãos, em nome da Igreja inteira, é ofertado de modo incruento no altar, na celebração dos santos mistérios. Reconheceis, pois, o que fazeis, imitai o que celebrais, a fim de que, participando do mistério da morte e ressurreição do Senhor, carregueis a morte de Cristo em vossos membros e caminheis com ele em novidade de vida.

Através do ministério espiritual, vivido pela graça perpétua dos sacramentos, o sacerdote deve ser, acima de tudo, mediador da ação redentora de Cristo no mundo. Ele precisa dar testemunho da verdade, fazendo brilhar a luz divina na obscuridade das fragilidades humanas, fazendo brilhar a luz do amor de Deus em toda terra e possibilitando às pessoas fazer uma leitura de fé e vida na participação da comunhão eclesial. Assim ele solidifica, cada vez mais, de forma visível, os sinais eficazes do amor Deus, testemunhando a justiça, a paz e a fraternidade para que, cada vez mais, a vida humana seja um viver animado pelo Espírito.

3.4 A CARIDADE PASTORAL

A caridade pastoral é uma virtude pela qual o sacerdote assemelha-se a Jesus Cristo. Ela não pode ser vista apenas como um operar, mas um jeito de viver, um *modus vivendi* sacerdotal. Onde o ministro ordenado revela o amor de Cristo em seu exercício sacerdotal, ele não é um mero "imitador" de Jesus, mas agente da graça divina, dada à Igreja e a toda humanidade. Deste modo, o ministério sacerdotal

acontece na doação de si mesmo à Igreja: "como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela" (Ef 5,25).

O sacerdote deve fazer de seu ser uma entrega real e total, que não impõe condições e fronteiras. Como ministro da graça de Deus, deve ter seu operar, marcado pelo mesmo dinamismo missionário do Bom Pastor que disse: "Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil: devo conduzi-las também; elas ouvirão minha voz; então haverá um só rebanho e um só pastor" (Jo 10,16).

Nesse itinerário, como pastor e guia da comunidade, o sacerdote é chamado a confrontar-se com as exigências pastorais, identificando suas legítimas necessidades. Trata-se de cuidar das comunidades que lhe foram confiadas, e isto se exprime, sobretudo, no testemunho da caridade pastoral⁵³.

O serviço pastoral exige do sacerdote dedicação e constância, pois a vida não é mais sua, mas uma oferta às comunidades, a fim de bem pastoreá-la na generosidade, na humildade, sem autoritarismo, mostrando-se sempre ao alcance de todos. Com o coração cheio de compaixão, principalmente para com os que sofrem, os pobres, os atribulados de corpo e alma, ele deve ser para estes o ministro da misericórdia divina⁵⁴.

Para bem pastorear, é indispensável a comunhão profunda com o presbitério e a unidade com bispo. Vivendo na unidade, o clero caminhará edificando a Igreja, em vista da comunhão com Deus e a santificação de toda a humanidade. Por meio das ações sagradas de cada dia e da comunhão, os bispos e os presbíteros buscam elevar os fiéis à perfeição de vida [...] Eles alcançarão essa santidade própria de seu estado pelo cumprimento sincero e incansável de seus deveres no Espírito de Cristo.

O Concílio Vaticano II assim explicitou: "A caridade pastoral exige que os presbíteros trabalhem sempre em união com os bispos e com os outros irmãos no sacerdócio, para que não corram em vão.

Ao falar da caridade pastoral vivida na comunhão sacerdotal, o Papa João Paulo II, em uma de suas alocuções, afirma que:

A vontade de Cristo, para os que receberam o sacramento da Ordem, é que vivam entre si na comunhão. A fonte dessa comunhão é, em primeiro lugar a "comunhão hierárquica", derivada da consagração e missão de acordo com o texto de *Prebyterorum Ordinis* 7. Essa comunhão manifesta-se de "modo perfeito", nas celebrações litúrgicas, pois a Eucaristia é sinal dessa unidade.

⁵³ Cf. Diretório para o Ministério e a Vida do Presbítero, 55.

⁵⁴ Cf. Donald Cozzens et al. A espiritualidade do padre diocesano, p. 165.

Assim, todos os sacerdotes, tanto diocesanos quanto religiosos, estão associados ao corpo episcopal, em razão da Ordem formando um só presbitério (cf. LG 28). Este vínculo entre os sacerdotes e Bispos é essencial no exercício do ministério presbiteral, pois os sacerdotes "recebem do Bispo o poder sacramental e a autorização hierárquica para esse ministério". [...]. Em virtude dessa fundamentação, pela identidade pastoral e origem sacramental, "o ministério dos presbíteros é exercido sob a autoridade do Bispo", visto que são seus colaboradores. [...] O exemplo de Cristo se torna regra de comportamento, tanto para os presbíteros quanto para os Bispos. "A obediência aos Bispos deve ser realizada em verdadeira e sincera amizade". [...]. Um clima de fraternidade e de amizade favorece a confiança dos presbíteros e a sua vontade de cooperação e de correspondência, na amizade, na caridade fraterna e filial para com os bispos.

Por conseguinte, "no exercício de seu ministério, os sacerdotes deverão traduzir esta exigência numa constante e sincera atitude de fidelidade e na obediência apostólica e em sentir-se com a Igreja, de modo a trabalhar sempre em comunhão com o Papa, com os bispos, e com os outros irmãos no sacerdócio, bem como, com os fiéis consagrados pela profissão dos conselhos evangélicos e com os fiéis leigos"⁵⁵. Dessa maneira, o sacerdote torna-se fiel às exigências de uma vida eclesial organizada em caráter de pastoralidade na Igreja local e na corresponsabilidade de todos para a edificação da Igreja de Cristo.

Em vista da caridade pastoral, do zelo para com o compromisso assumido, o celibato revela-se como um carisma, um modo desprendido e dedicado de ser e de viver, que deve ser acolhido livremente por aqueles que se sentem chamados por Deus. A caridade aliada ao celibato é uma dádiva divina que se fundamenta na vida e no testemunho de Jesus em favor do Reino. Nos textos neotestamentários, o celibato aparece contemplado como vocação e como graça, vivida no abandono e disponibilidade de quem se coloca totalmente nas mãos de Deus (cf. Mt 19,11-12).

O sacerdote ao se doar caritativamente, o faz como um consumir no amor de Deus, sendo cada vez mais disponível à Igreja. E assim o sacerdote assume a vida celibatária. A carta aos Efésios coloca em relação estreita a doação de Cristo (cf. Ef 5,25-27) e a santificação da Igreja, amada por Cristo com amor esponsal⁵⁶.

Para uma adequada vida espiritual do presbítero, é preciso que o celibato seja considerado e vivido não como um elemento isolado ou puramente negativo, mas como um aspecto de orientação positiva, específica e característica: deixando pai e mãe, segue Jesus Bom Pastor, numa comunhão apostólica a serviço do povo de Deus. O celibato é, portanto, para ser acolhido por uma livre e amorosa decisão a renovar-se continuamente, como dom inestimável de Deus, como estímulo da caridade pastoral. [...]. Na

⁵⁵ Diretório para o Ministério e a Vida do Presbítero, 56.

⁵⁶ Diretório para o Ministério e a Vida do Presbítero, 58.

fecundidade da Igreja, e como testemunho do Reino escatológico perante o mundo.

Ressalva o apóstolo Paulo em 1 Cor 7 que: "aqueles que se fizeram cristãos no estado conjugal devem perseverar nele, vivendo seu matrimônio único e indissolúvel. Para alguns outros, porém, existe outro estado, o celibato, que o mesmo Paulo escolheu, elogia e propõe, porque permite dedicar-se inteiramente para as coisas do Senhor (1 Cor 7,32-36)⁵⁷. Além disso, ele observa no carisma do celibato uma atitude consciente que ajuda a permanecer perto do Senhor e a servi-lo sem distrações em favor de sua Igreja.

Convencida das motivações teológicas e pastorais que sustentam a relação entre celibato e sacerdócio e iluminada pelo testemunho, não obstante casos dolorosos e negativos, a Igreja reafirmou, no concílio Vaticano II e repetidamente no sucessivo Magistério Pontifício, a "firme vontade de manter a lei que exige o celibato livremente escolhido e perpétuo para os candidatos à ordenação sacerdotal no rito latino, reencontrando seu valor espiritual e evangélico".⁵⁸

No amor de Cristo, o celibato se abre também à vida eclesial. "Preso por Cristo Jesus (Fl 3,12) até ao abandono total de si mesmo a Ele, o sacerdote configura-se mais perfeitamente a Cristo, também no amor que o eterno Sacerdote amou a Igreja, seu corpo, oferecendo-se inteiramente por ela, para tornar esposa sua"⁵⁹. Amar a Igreja como Cristo a amou, ou seja, com um amor puro e santo, oferecendo-se totalmente por ela a fim de torná-la uma esposa santa e imaculada (cf. Ef 5, 25-27).

Assim sendo, o sacerdote é chamado, na sua vida espiritual, a reviver o amor de Cristo Esposo na sua relação com a Igreja Esposa. Este tratamento nupcial exige que ele seja testemunha do amor nupcial de Cristo, sendo capaz de amar a todos com um coração novo, grande e puro, com um autêntico esquecimento de si mesmo, com dedicação plena, contínua e fiel, até que Cristo seja formado nos fieis (cf. Gl 4, 19).

Além desta disponibilidade para o Reino, que lhe permite entregar-se todo inteiro ao serviço de todos, o celibato sacerdotal alimenta a fé e a esperança de todos os cristãos que, como tais, são obrigados a observar a castidade conforme o próprio estado. O sacerdote, partícipe e continuador da missão de Cristo, não poderá senão

⁵⁷ Agostinho Favale. O celibato sacerdotal no pensamento de João Paulo II. São Paulo: Salesiana 1983, p. II.

⁵⁸ Diretório para o Ministério e a Vida do Presbítero, 57.

⁵⁹ Carta Encíclica de sua Santidade o Papa Paulo VI. Sobre o celibato sacerdotal. São Paulo: Paulinas, 1967, p. 17. Cf. PDV 22.

pôr-se a serviço do povo de Deus da nova aliança que tem na Igreja seu lugar de encontro, de realização e comunhão.

A essa Igreja, os sacerdotes devem dedicar-se com todas as suas forças. Assim, "o dom do celibato, mas sim para a Igreja e para humanidade. Sua finalidade está na entrega total ao serviço, como testemunho de sua adesão à Palavra, que se concretiza no anúncio. O celibato deve expressar-se de modo inequívoco e visível em compromisso reconhecido pela Igreja.

Deste modo, a vivência do celibato é vida de amor, cheia do amor único de Cristo de modo total, mas só se vive com fidelidade no sacerdócio ministerial quando há assiduidade no contato com o Senhor através do diálogo contínuo na oração e na escuta da Palavra. De forma que este seja realizado a serviço dos outros, o sacerdote o assume para a vida toda, fortificando esta sua vontade e promessa já feita durante o rito da ordenação diaconal, de viver a vida em vista do Evangelho sendo casto para melhor amar a Deus no servir.

A partir desse estilo de vida, fundado também na pobreza evangélica, o sacerdote deve traduzir-se numa vida simples e austera em que renuncia generosamente às coisas supérfluas, adquirindo, em sua missão, o significado profético no seio das sociedades ricas e consumistas. Isto também o habilita a ser solidário com os injustiçados e oprimidos na conquista dos seus direitos.

Destarte, a evangélica opção preferencial pelos pobres, por vezes esquecida, é valor inquestionável na espiritualidade sacerdotal, tal como deve ser elemento integrador e unitivo de toda a pastoral da Igreja, sendo sinal de esperança na vida das pessoas a partir de uma "inserção na comunidade eclesial"⁶⁰.

⁶⁰ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Espiritualidade-presbiteral hoje. São Paulo, 1974, p.5.

CONCLUSÃO

Através desta pesquisa procuramos analisar as raízes do sacerdócio e suas implicações em alguns aspectos da espiritualidade. Após refletirmos sobre esta realidade, chegamos à conclusão de que o sacerdócio e a espiritualidade estão inerentemente ligados no viver em Cristo. Esta é a marca do êxito de toda evangelização que depende em grande parte desse ligame da espiritualidade e da mística cristã.

Ao falar de espiritualidade, antes de tudo, é importante evidenciá-la na certeza de que o sacerdócio é inserção singular e única na missão de Cristo, centro vital de toda constituição sacerdotal do Novo Testamento. Convém destacar ainda que no Mistério Pascal de Cristo está contido todo o primado da oração e toda a atividade ministerial do sacerdócio, enraizado no anúncio da Palavra de Deus, na celebração dos Sacramentos e na ação da caritativa do serviço pastoral.

Nesse contexto, o sacerdócio revela-se como uma realidade que transcende todas as categorias sociológicas que buscam analisá-lo, pois o ponto de partida do sacerdócio é a cristologia. Com essa tônica, toda a existência sacramental no ministério ordenado realiza-se como instrumento vivo no sacerdócio de Cristo, no corpo eclesial. Esta é a síntese das coisas do coração e da razão que busca abraçar todas as dimensões do ser e do agir humano, integrada na unidade da ação e da oração.

Objetivamente, a espiritualidade vitaliza e garante a unidade, dinamiza a ação, sustenta e dá força para o compromisso e alimenta o entusiasmo no ministério de serviço e esperança. Como o modo de ser e viver no ministério ordenado, o exercício da espiritualidade não é um mero comportamento estanque, separado da realidade, em concorrência com a ação.

Mas é, sobretudo, configuração real à Cristo, contemplando autenticamente a pertença no testemunho do discipulado, assumido no serviço à Igreja.

Destarte, a experiência na vida espiritual do sacerdote destaca-se na certeza de que esse ministério é um dom mediático que leva a entrar na dinâmica do Espírito Criador, animando-o no compromisso com o mundo para transformar as situações de morte em vida junto- aos que esperam resgatar sua dignidade, algo ligado concretamente no decurso da história.

Portanto, em meio às ambiguidades humanas, a espiritualidade sacerdotal deve sempre ser assinalada por aquelas atitudes e comportamentos que são próprios do Cristo Cabeça, Pastor e Esposo da Igreja e que se expressam na caridade pastoral. Esta imagem de Pastor perpassa toda a Bíblia e traduz dois elementos da experiência de Deus feita pelo povo de Israel. O Pastor é autoridade e solicitude, firmeza e carinho, ternura e vigor, imagem legítima e concreta do serviço sacerdotal que tem por finalidade estabelecer a união do humano com o divino, a partir do verdadeiro sacrifício espiritual agradável a Deus, em vista da comunhão.

A condição de possibilidade de uma frutuosa espiritualidade, no ministério sacerdotal, brota de radical abertura ao transcendente. Deus se comunica, vem ao encontro de toda humanidade e torna-se humano na pessoa de Jesus que exerce, com fidelidade, numa entrega total e amorosa, a missão de anunciar o Reino de Deus. À luz deste anúncio, cabe ao sacerdote promover a necessária interação entre a vida interior e a ação evangelizadora, entre a santidade pessoal e o exercício digno do ministério. Esta espiritualidade deve ser movida na base do amor, da esperança e da fé.

Enfim, diante da busca por experimentar a Deus, no alvorecer da pós modernidade, urge a necessidade da refundação de uma espiritualidade sacerdotal que reconhecer, sempre mais, como "homens de Deus" (1 Tm 6,11), imersos no mistério trinitário. Chamados a abandonarem-se na liberdade e no amor de Deus e a se fazerem inteiramente disponíveis à vontade do Pai; empenhados no seguimento de Jesus e no prosseguimento do seu Evangelho, sendo sacerdotes e ministros da misericórdia divina, luz do amor de Deus em meio às sombras das fragilidades humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARINZE, Francis. Reflexões sobre o sacerdócio: carta a um jovem padre. São Paulo: Paulus, 2009.

ARNAU-GARCIA, Ramon. Ordeny ministérios. Bac: Madri, 1995.

AUNEAU, Joseph. O sacerdócio na bíblia. São Paulo: Paulus, 1994.

BÍBLIA JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BIBOLLET, Bruno. Padres diocesanos: elementos de espiritualidade. São Paulo: Paulinas, 2000.

BORGES, Geraldo Luiz. O sacerdócio em João Paulo II. In: Revista Coletânea, n. 7 2005.

BORGES, Paulo. Sacerdócio, Culto, Palavra e Serviço. In: Revista Perspectiva Teológica. Ano 11, n. 2, p. II. 1970.

BOROBIO, Dionísio. A celebração na Igreja II: sacramentos. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1993.

CASALDÁLIGA, Pedro. Nossa Espiritualidade. São Paulo: Paulus. 1998.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. 18 ed. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Loyola, 2008.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA DEI VERBUM. In: Compêndio Vaticano 11: constituições, decretos, declarações. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. In: Compêndio Vaticano 11: constituições, decretos, declarações. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONSTITUIÇÃO SACROSANCTUM CONCILIUM. In: Compêndio Vaticano 11: constituições, decretos, declarações. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DATTLER, Frederico. Carta aos Hebreus. São Paulo: Paulinas, 1980.

DECRETO AD GENTES. In: Compêndio Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DECRETO ORIENTALIUM ECCLESJARUM. In: Compêndio Vaticano 11: constituições, decretos, declarações. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DECRETO PRESBYTERORUM ORDINIS. In: Compêndio Vaticano 11: constituições, decretos, declarações. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

- DENZINGER, H. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral. Tradução de José Marino e Johan Konings. São Paulo: Paulinas e Loyola, 2007.
- FAVALE, Agostinho. O celibato sacerdotal no pensamento de João Paulo II. São Paulo: Salesiana 1983.
- GALILEA, Segundo. A graça da desolação influências dos padres do deserto na espiritualidade contemporânea. São Paulo: Loyola, 1988.
- GRÜN, Anselm. Ordem vida sacerdotal. São Paulo: Loyola, 2006.
- GUERRE, R. A Espiritualidade do sacerdote diocesano, São Paulo: Paulinas, 1987.
- JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sobre a Formação dos Sacerdotes: "Pastores Dabo Vobis 3 ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992.
- KASPER, Walter. Servidores da Alegria. São Paulo: Loyola, 2008.
- LOIS Julio. Dicionário dos conceitos fundamentais do cristianismo. Trad. Cassiano F.
- LORSCHIEDER, Aloísio. A identidade e espiritualidade do padre diocesano, Petrópolis: Vozes, 2007.
- MASURE, Eugenio. Padres diocesanos. São Paulo: Paulinas, 1960.
- MONDONI, Danilo. Teologia espiritualidade cristã. São Paulo: Loyola, 2000.
- MONTEIRO, Eymard. O sacerdócio, participação no sacerdócio de Cristo. Aparecida: ed. Santuário, 1983.
- PAULO VI. Constituição apostólica sobre o sacramento da Unção dos Enfermos. In: As introduções gerais dos livros litúrgicos. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- PONTIFICAL ROMANO. São Paulo: Paulus, 2000.
- RAHNER, Karl. Novo Sacerdócio. São Paulo: Herder, 1968.
- SAMANES Juan J. Tamayo. São Paulo: Paulus, 1999.
- SCHILIÁBEECKX, E. Cristo Sacramento do Encontro com Deus, Petrópolis: Vozes, 1967.
- SESBOÛÉ, Bernard. Não tenham Medo: Os ministérios na Igreja hoje. São Paulo: Paulus, 1998.
- VANHOYE, Albert. A Mensagem da Epístola aos Hebreus. São Paulo: Paulinas, 1983.
- VANHOYE, Albert. Sacerdotes Antigos e Sacerdote Novo. Trad. Ronaldo Brito. São Paulo: academia Cristã, 2006.
- VAUX, Roland. Instituições de Israel no Antigo Testamento. São Paulo: Paulus, 2000.
- VIEIRA, Manoel. O regresso ao padre. São Paulo: Paulinas, 1966.